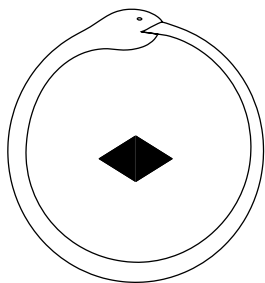


PAJÉS, MORUBIXABAS,
TUÏBA'ES E AS TABAS
Ezequiel Maria Potiguara



cadernos
SELVAGEM



PAJÉS, MORUBIXABAS, TUÍBA'ES E AS TABAS

Ezequiel Maria Potiguara

Este caderno é composto pelo capítulo “A hierarquia histórica dos Potiguara”, de Ezequiel Maria Potiguara, do livro Os Potiguara: A arte da guerra e sua organização social histórica, publicado em 2025. Este caderno compõe a série de cadernos Potiguara, em colaboração com a Associação Paraíba Mel, o Instituto Serrapilheira e a Funarbe.

Minha área de pesquisa é muito restringida à questão da historicidade, embora eu seja da área de língua portuguesa e atue na questão da língua Tupi. Estou professor de língua Tupi na aldeia Jaraguá [no Território Potiguara, na Baía da Traição, Paraíba] e tenho feito esse trabalho. Porém, a minha pesquisa se endereça à pesquisa historiográfica do povo Potiguara.

• • •

PAJÉS

Os pajés, dentro da sociedade Tupi (e aqui abro um parêntese para esclarecer que, ao me referir aos Tupi, falo da nação como um todo, não de uma única etnia – assim como “brasileiros” designa a nação, enquanto “paraibano”, de onde sou, é o gentílico de um dos estados), desempenhavam um papel fundamental em cada grupo social. Eram o elo entre o mundo visível e o invisível, responsáveis por proteger a comunidade contra espíritos malignos enviados pelos inimigos e por presidir rituais essenciais. Além disso, na guerra, estavam na linha de frente, liderando os guerreiros em batalha.

O etnólogo Alfred Métraux, em sua obra *A Religião dos Tupinambás*, descreve com precisão a importância dos pajés, enfatizando sua habili-

dade na arte de curar enfermidades, o profundo conhecimento sobre plantas medicinais, a interpretação dos sonhos e a análise dos astros. Dentre seus diversos papéis, Métraux destaca a capacidade de instigar os guerreiros à guerra e de fomentar a captura de inimigos para os rituais antropofágicos, frequentemente guiados pela comunicação espiritual realizada com os **maracás**. O autor descreve o momento em que os pajés, após agitarem os **maracás** e ouvi-los, fincavam-nos no chão para receber as mensagens dos encantados. Em seguida, exortavam os guerreiros à luta: “os espíritos encerrados nos **maracás** têm gana de comer carne de prisioneiros” (Métraux, 1950, p. 146).

Essa fé, segundo Métraux, conferia aos guerreiros a convicção de que venceriam, sendo comparável ao fervor que impulsionou templários, muçulmanos e outras nações em batalhas travadas por seus ideais e dogmas religiosos. Para os nossos ancestrais, os pajés não eram meros líderes simbólicos; desempenhavam um papel semelhante ao dos sábios gregos ou dos oráculos de Delfos, aconselhando e exortando sua nação a partir de um conhecimento profundo, espiritual e prático. Contudo, em nosso caso, essa sabedoria estava profundamente enraizada na cultura indígena e nos valores daqueles tempos.

E para os que consideram um exagero comparar nossos pajés aos oráculos, trago as palavras dos próprios lusitanos: “e o feiticeiro (que há em cada aldeia) é o seu oráculo” (Anônimo, 2006, p. 27). Ora, o que é um oráculo, senão um porta-voz dos deuses ou seres celestiais? Essa declaração por parte dos colonizadores é uma prova de que nossos antepassados não eram desprovidos de fé. Ao contrário, sua espiritualidade e conexão com o mundo invisível permeavam todos os aspectos de sua existência, sendo a base de sua força e organização. Ao lermos os registros de Fernão Cardim, percebemos que eles acreditavam na imortalidade da alma e na sua jornada após a morte.

Entre os **Potiguara**, o mais notável líder da história foi, justamente, um pajé: o grande **Tijucupapo**. Comandou nosso povo por aproximadamente seis décadas, liderando uma resistência implacável contra os invasores. Não era apenas um líder religioso, mas também um estrategista

militar, que empreendeu alianças e conquistas. Foi ele quem liderou os *Potiguara* na aliança com os franceses para conter o avanço português. Habitante da aldeia de *Acajutibiró* – localizada onde hoje está a Baía da Traição –, *Tijucupapo* tornou-se uma figura temida pelos lusitanos, que enfrentaram sua liderança firme e organizada por sessenta longos anos. Seu nome foi o primeiro entre os *Potiguara* a ser registrado na história, ao lado do cacique *Iniguaçú*, ambos eternizados como símbolos de resistência e coragem.

Ao lermos sobre *Tijucupapo*, descrito como “o mor principal dos petiguares, por ser muito grande feiticeiro” – nas palavras dos lusitanos (Anônimo, 2006, p. 87) –, compreendemos a importância estratégica de seu assassinato para os portugueses. Durante a primeira invasão à Baía da Traição, entre o final de 1585 e o início de 1586, Martim Leitão, então ouvidor-geral, não conseguiu derrotá-lo. Após a ofensiva *Potiguara* contra os núcleos de povoação recém-estabelecidos, especialmente Nossa Senhora das Neves, atual João Pessoa, que se deu em 1586, foi organizada uma nova investida contra a Baía da Traição e *Copaoba*, com o objetivo de capturar ou eliminar *Tijucupapo*.

Em 1587, a Baía da Traição – centro político do governo *Potiguara* – foi incendiada, e o grande pajé *Tijucupapo* perdeu a vida em combate. Sua morte, juntamente com a destruição das principais aldeias, marcou um duro golpe para os *Potiguara*.

Contudo, essa perda não representou o fim da resistência. Após sua morte, o posto de pajé principal foi assumido por *Puãaçú*, que contou com o auxílio de seus sobrinhos *Sorobabé* e *Ybyrápibe*, também conhecido como Pau-Seco. *Sorobabé* liderou a resistência *Potiguara* nas aldeias da *Copaoba*, enquanto *Yby rápibe* foi ao Maranhão em 1597, aliado aos franceses, conforme registrado por d’Abbeville. *Puãaçú*, por sua vez, manteve ativa a resistência no território do Rio Grande do Norte até ser capturado em 1599 por Jerônimo de Albuquerque.

Puãaçú, enquanto cativo no Forte dos Reis Magos, no Rio Grande do Norte, foi alvo de uma estratégia conduzida por Jerônimo de Albuquerque, sob orientação do Padre Gaspar de Samperes. Albuquerque

persuadiu o pajé a tentar convencer os *Potiguara* a se aliarem aos portugueses. Esse acordo foi selado em 11 de junho de 1599¹.

A data da morte de *Puãaçú* permanece incerta, bem como as circunstâncias: se faleceu de velhice, em combate, ou se foi assassinado. Após o exílio de seu sobrinho *Sorobabé*, em 1608, tanto ele quanto *Ybyrápibe* desapareceram dos registros. É possível que tenham sido assassinados, uma medida drástica para evitar um novo levante *Potiguara*. Assim, encerrou-se o segundo período do governo dos pajés.

Entre 1608 e 1646, não há menções a outro pajé, embora isso não indique seu desaparecimento completo. Trinta e oito anos após o exílio de *Sorobabé*, e dezesseis anos após a invasão holandesa a Pernambuco, surge um novo registro. Desta vez, trata-se de uma mulher *Potiguara*: a pajé *Anhanguîara*, que liderou guerreiros na retomada do Forte de Santo Antônio, em Cabedelo, às margens do rio Paraíba. Comandando um grande contingente de canoas *Potiguara*, as *maracá tim*, que transportavam 160 guerreiros, a pajé liderava o avanço contra os portugueses, enquanto soldados holandeses combatiam por terra. Na proa de uma das canoas, *Anhanguîara* bradava aos portugueses, empunhando um alfanje: “Eu sou onça e tigre, e com estas unhas hei de despedaçar as carnes dos portugueses e os hei de comer assados e cozidos” (Calado, 1648, p. 323).

Seu nome consta na obra *O Valoroso Lucideno*, do Padre Manuel Calado. *Anhanguîara* é a única mulher registrada como pajé no período das invasões e a última citada nos registros coloniais. Sua liderança evidencia que a tradição espiritual e de comando entre os *Potiguara* não era restrita aos homens. Foi assassinada durante a guerra por dois tiros de mosquetes, disparados por indígenas *Potiguara* aliados aos portugueses sob o comando de D. Antônio Felipe Camarão.

Outro pajé, mais recente, mas igualmente honrado, foi Chico Uribu, residente na Aldeia São Francisco. Ele se destacou como liderança espiritual e guardião dos saberes ancestrais dos *Potiguara*. Participou ativamente das retomadas e demarcações de terras no século passado,

1. Para quem deseja aprofundar-se nesse episódio, recomendo a leitura do capítulo XXXIII de *História do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador. Na edição do Senado Federal, essa narrativa encontra-se na página 359.

ao lado de outros importantes líderes. Chico Urubu faleceu em 11 de maio de 2022, deixando um legado de resistência e contribuição ao movimento indígena.

Sua irmã, a pajé Fátima, segue viva e atua como guardiã das ciências medicinais das plantas e das tradições espirituais *Potiguara*. Seu papel na preservação cultural e espiritual do povo *Potiguara* é de inestimável importância.

MORUBIXABAS

Os *morubixabas*, termo de origem *Tupi*, tinham diversas atribuições que poderiam variar desde líder, chefe, rei, juiz, político, governador, até uma pessoa de grande influência em sua comunidade². É importante destacar que, ao mencionarem os *morubixabas*, os cronistas nem sempre se referiam a líderes de uma etnia. Na maioria das vezes, tratava-se de indivíduos com influência social significativa, sem necessariamente exercerem uma liderança formal na comunidade. Eles eram figuras importantes, muitas vezes ditando comportamentos e decisões, embora sua autoridade não fosse oficial ou institucionalizada. O grande problema com os relatos dos cronistas é que frequentemente empregavam o termo para descrever papéis diferentes, como quando atribuíam a alcunha de cacique a alguém simplesmente reconhecido por sua coragem ou destemor.

Os caciques, ou *morubixabas*, como preferirem, eram, de fato, líderes ou, numa analogia contemporânea, patriarcas de grandes famílias. Esses chefes eram subordinados ao maioral, que, na história *Potiguara*, era representado pelos pajés. Como descrito por Gandavo em 1576, “não há, como digo, entre eles nenhum Rei, nem Justiça; somente em cada aldeia tem um principal que é como capitão, ao qual obedecem por vontade e não por força” (2008, p. 66). Apesar do evidente preconceito no texto de Gandavo, essa observação revela um aspecto importante: a obediência aos líderes era voluntária, o que reflete a união e os laços

2. Para entender melhor o significado do termo, recomendo a leitura da página 313 do *Dicionário de Tupi Antigo*, de Eduardo Navarro (2013), onde ele explora os usos do termo no período colonial.

familiares entre os *Potiguara*. Quanto à afirmação de que não havia justiça, ela se mostra infundada, já que as punições aplicadas e a declaração de guerras por ofensas, como no caso do rapto de *Iratembé*, evidenciam uma forma de organização social.

Esses “principais” eram denominados *morubixabas* ou *tubixabas*, termos traduzidos pelos europeus como “caciques”. A palavra cacique, no entanto, não tem origem brasileira, mas sim no idioma *Taino*, falado por indígenas das Antilhas durante o período das invasões espanholas. O termo foi registrado pela primeira vez na obra *Primer viaje alrededor del globo*, do geógrafo italiano Antônio Pigafetta, publicada em 1522.

Ao contrário de Gandavo, Pigafetta reconheceu a existência de líderes indígenas brasileiros, descrevendo-os como reis: “Su rey lleva el nombre de cacique”³ (2012, p. 17). Contudo, assim como Gandavo, Pigafetta observou que os caciques, além de liderarem seus familiares em guerras, possuíam certa autonomia na condução de suas comunidades, mas não impunham decisões contra a vontade de seus seguidores. Gandavo também destacou que os caciques frequentemente tinham várias esposas, sendo que a primeira ocupava uma posição de maior prestígio. Entre os *Potiguara*, havia relatos de *morubixabas* com até vinte esposas ou “quantas cada um podia sustentar” (Anônimo, 2006, p. 23).

Os caciques, portanto, tinham uma função essencialmente militar e familiar, sendo responsáveis por liderar seus clãs em conflitos. Seu governo restringia-se às malocas, enquanto a liderança das aldeias recaía sobre os pajés, que exerciam autoridade espiritual e política. Esse modelo hierárquico espontaneamente respeitado é descrito por Frei Vicente do Salvador, que relata no capítulo XXII de sua *História do Brasil* (1627) que o ataque ao engenho *Tracunhaém* foi realizado sob ordem de *Tijucupapo*.

Quando um *morubixaba* falecia, geralmente seu sucessor era um filho, um parente próximo como um irmão ou primo, ou, em casos excepcionais, alguém que tivesse se destacado em batalhas. O sepultamento ocorria dentro da casa onde ele vivia, e junto ao corpo eram depositados seus objetos pessoais. O luto pela morte do líder podia durar semanas ou até meses. Os túmulos permaneciam na moradia da família,

3. Em tradução para o português “Seu rei leva o nome de cacique”.

evidenciando a forte conexão entre o líder e seu núcleo social⁴.

Demonstremos agora alguns caciques que marcaram profundamente a história de resistência dos *Potiguara*.

O primeiro cacique *Potiguara* de que se tem notícia é *Iniguaçú*, que liderava uma das cinquenta aldeias situadas no vale da *Copaoba*. Sua história é marcada por um evento trágico: em 1574, sua filha foi raptada por um português proprietário do engenho *Tracunhaém*. Movido por esse ato, *Iniguaçú* liderou, com o pajé *Tijucupapo*, uma marcha de guerreiros que culminou no ataque ao engenho, resultando na morte de todos os presentes, incluindo os animais. Esse episódio, que teve impacto significativo, contribuiu para o surgimento da Capitania Real do Rio Paraíba. Após o resgate de sua filha, o nome de *Iniguaçú* desaparece dos registros históricos, e, até o momento, não há documentos que esclareçam como se deu sua morte.

Outro cacique *Potiguara* de destaque foi *Pinacama*. Embora pouco se saiba sobre suas ações e destino, registros indicam que, em dezembro de 1587, ele liderou a resistência contra uma investida portuguesa em sua aldeia, comandada por Duarte Gomes da Silveira sob ordens do ouvidor-geral Martim Leitão. Sua existência é mencionada no “Sumário das Armadas”, publicado pelo Senado Federal em 2006 no capítulo XXI de *História da Conquista da Paraíba*.

Os irmãos *Sorobabé* e *Ybyrápibe*, ou Pau-Seco, também desempenharam papéis cruciais na resistência *Potiguara*, especialmente entre 1590 e 1608. *Sorobabé* liderou os *Potiguara* dos sertões contra as investidas de Jerônimo de Albuquerque. Em 1599, aconselhado pelo pajé *Puãaçú*, enviou *Ybyrápibe* como representante para selar o tratado de paz entre *Potiguara*, *Tabajara* e portugueses. Posteriormente, em 1603, *Sorobabé* liderou 1.500 guerreiros *Potiguara* em apoio aos portugueses nas batalhas contra os *Aimoré* na Bahia, mas quase foi escravizado pelos lusitanos. Ao retornar, foi incumbido de enfrentar o nascente Quilombo dos Palmares, missão que realizou com êxito.

Contudo, sua relação com os portugueses deteriorou-se. Considera-

4. Para uma análise mais aprofundada, recomendo a leitura do capítulo CLXXV do *Tratado descritivo do Brasil*, de Gabriel Soares de Sousa. Em outra oportunidade, explorarei mais detalhadamente os ritos funerários.

do uma ameaça, *Sorobabé* foi preso em Recife acusado de conspiração e, em 1608, exilado para Lisboa, onde morreu em uma prisão em Évora ao lado de sua família, tornando-se o primeiro exilado político brasileiro.

Ybyrápibe, por sua vez, teve papel fundamental na fundação da França Equinocial no Maranhão, auxiliando o capitão francês Jacques Riffault em 1594. Entre 1597 e 1598, resistiu com os franceses à invasão portuguesa no Rio Grande do Norte. Após a prisão de *Sorobabé*, assumiu a liderança dos *Potiguara*, mas seu destino permanece desconhecido.

O cacique *Surupirá* também merece menção. Preso em 1598 durante a batalha do rio *Potengi*, foi encarcerado na Fortaleza dos Reis Magos. Sua indignação com o tratamento desigual recebido pelos *Potiguara* marcou sua resistência. Embora pouco se saiba sobre seu fim, acredita-se que tenha sido libertado após o tratado de paz celebrado em *Copaoba*.

Outro nome importante foi *Guaraguinguira*, que auxiliou Pero Coelho de Sousa em 1603 na expedição à Serra da *Ibiapaba*, no Ceará. Sua contribuição permitiu que os portugueses explorassem mais profundamente o território *Potiguara*, mas os detalhes de sua vida permanecem escassos.

Ainda poderíamos citar muitos outros: *Jaguarari*, *Mequiguaçu* – que participou da fundação de Natal e enviou quatro mil arqueiros em 1621 para apoiar os portugueses –, *Paranãmbucu*, conhecido como Mar Grande, cuja captura quase desencadeou um levante com 20 mil guerreiros *Potiguara*, e *Amaniú*, que resistiu ferozmente ao domínio português ao lado dos holandeses.

Homens como Pedro Poti, Felipe Camarão e Antônio Paraopaba também deixaram suas marcas na história, mas, por ora, deixo seus feitos para outra ocasião. Assim, seguimos com o propósito deste capítulo.

Tuîba'es

Uma outra liderança de extrema importância para os *Potiguara*, e não menos valiosa que outras figuras, são os *tuîba'es*, ou anciões. Esses homens desempenhavam um papel central na aldeia: eram responsáveis

por incitar os jovens à guerra e aconselhar os líderes das *tabas* em diversos assuntos. Sua figura era profundamente respeitada por toda a nação, sendo tratados com honras e deferência. Suas palavras eram vistas como vereditos, decretos a serem seguidos, e recebiam lugares de destaque em eventos e cerimônias.

De acordo com Métraux, durante as festividades, “enquanto assim se bebia, os anciões e principais estendiam-se nas redes, onde, fumando em canudos de fumo, discutiam os assuntos de seu interesse” – geralmente relacionados à guerra. Ele acrescenta que “esses velhos eram objeto de atenções especiais; se algum deles (diz Yves d’Évreux) vai à festa do *cauim*, é o primeiro a sentar-se e a ser servido, e as distribuidoras do vinho – escolhidas entre as mais honrosas e aparentadas com o anfitrião – vêm logo apresentá-lo aos convidados” (1950, p. 324).

Na maioria das vezes, os anciões eram *ex-morubixabas* ou indivíduos que exerceram grande influência em seu tempo, muitas vezes sendo guerreiros valentes. Métraux também menciona que eram “geralmente algum *morubixaba*” (ibid., p. 259). Em reuniões de guerra, os caciques sentavam-se com esses anciões para discutir os preparativos e estratégias, unindo suas experiências com as revelações espirituais dos pajés. Era essa combinação de sabedoria, espiritualidade e coragem que inspirava e exortava os jovens guerreiros a enfrentar a batalha.

A confiança nos conselhos dos *tuíba'es* era tamanha que, como relatou o historiador britânico Robert Southey em sua *História do Brasil*, escrita escrita entre 1810 e 1817, ao chegar um visitante estrangeiro a uma *taba*, ele era levado diretamente à presença do *morubixaba*. Este, após interrogar o visitante, consultava secretamente os anciões para decidir como proceder. Dependendo do conselho dado, o estrangeiro seria tratado como amigo ou inimigo. Southey descreve:

O hóspede que chegava a qualquer aldeia, ia logo, se era estrangeiro, direto à casa do cacique, à entrada de cujo cubículo de dormir se lhe armava uma rede. Vinha então este interroga-lo, enquanto os mais se assentavam em roda, escutando. Consultavam depois os velhos em segredo a respeito do recém-chegado, se seria um inimigo que viria espionar-lhes a fraqueza: um espião pouca probabilidade tinha

de escapar à penetração dos inquiridores e, se era descoberto, morria. (SOUTHEY, 2010, p. 230)

Para os *Potiguara*, a confiança nos ensinamentos dos anciões e a obediência a seus conselhos eram formas de reconhecer a experiência acumulada ao longo de suas vidas. Métraux descreve que esses velhos guerreiros eram vistos como os mais ávidos pela carne do inimigo, o que simbolizava sua incansável força espiritual para motivar os jovens guerreiros (1950, p. 267).

Nas cartas de Dom Antônio Felipe Camarão, encontramos menções a figuras influentes entre os *Potiguara*, como o ancião *Araruna*, identificado como avô de Pedro Poti. Também é mencionado *Jaguarari*, pai de Pedro Poti. Assim, Felipe Camarão seria neto de *Araruna* e sobrinho de *Jaguarari*. Esses vínculos evidenciam um sistema de liderança que seguia a linhagem familiar, formando o que poderíamos chamar de uma monarquia *Potiguara*. Contudo, esse é um tema que merece maior exploração em outro momento.

O papel dos anciões, anteriormente essencial na organização social *Potiguara*, começou a perder força entre as elites indígenas. Essa mudança fica evidente nas palavras de Felipe Camarão dirigidas a Pedro Poti, em 4 de outubro de 1645: “Teus avós não podem anular por si sós nossos regimentos. A anulação de uma única lei nossa não é mais como antigamente. Os velhos, segundo eles mesmos, acham que (matar os *Potiguaras* aliados dos holandeses) é uma chacina” (Navarro, 2022, p. 27). Aqui percebemos um rompimento com a antiga forma de governo *Potiguara*, que tradicionalmente era baseada na tríade: Pajé, Cacique e Anciões. Com o tempo, esse sistema foi substituído por uma nova estrutura de poder, centralizada nos chamados Caciques Maiorais ou regentes.

Essa transformação reflete uma transição que marcou profundamente a organização política dos *Potiguara*, cujas consequências ainda são perceptíveis nos dias atuais. No entanto, ainda hoje, os anciões desempenham um papel fundamental em nossa sociedade, embora não mais como outrora. Lastimável. Porém, são consultados em questões como a história das famílias ou a memória de determinados locais. Eles preservam e transmitem a cultura e a tradição *Potiguara*, ensinando

oralmente e na prática o que aprenderam ao longo de suas vidas. Representam um patrimônio vivo de nossa história, servindo de exemplo para as futuras gerações.

Esses anciões foram protagonistas em lutas pela demarcação de terras, enfrentando inimigos poderosos para que seus descendentes usufríssem dos benefícios conquistados. Por isso, acho incabível esquecer figuras tão importantes, isso seria imperdoável.

O maior livro que já li é a vida dos anciões: suas histórias, contadas não em papéis frágeis, mas em seus olhares, palavras e ações. Essa riqueza é nossa verdadeira herança, impossível de ser roubada. Os pés de um sábio ancião valem mais do que qualquer universidade, diploma ou riqueza. O ouro pode ser roubado e o diploma, perdido, mas suas histórias permanecerão para sempre em nossas memórias e corações.

AS TABAS

A nossa civilização era organizada em *tabas*, onde as nossas famílias viviam todas em conjunto, em um único local. Eram pequenos núcleos de povoação distribuídos ao longo de todo o território que dominávamos. Havia grandes *ocas*, nas quais cada família habitava em comunhão com os demais aparentados – todos eram parentes.

A *taba* era composta por essas grandes *ocas* dispostas em formato circular. “As *ocas* dispostas, deixando no centro uma área (*ocára*) para a qual de cada rancho havia três vãos ou portaes baixos, ordinariamente sem porta ou postigo” (Varnhagen, 1877, p. 33). Cada *oca* dava acesso direto à *ocara*, local destinado aos rituais e festas que realizávamos. Era nesse espaço que praticávamos nossos cultos, nossos *torés* e também o ritual antropofágico, o dia do grande banquete em que a guerra seria consumada. No centro da *ocara* – ou praça – durante o banquete antropofágico, uma cabana de palha era erguida no dia anterior ao sacrifício. A maçã sacrificial⁵, chamada *ybyrápema*, era pendurada dentro da cabana, e os nossos pajés a incensavam com seus cachimbos até a hora do uso final.

5. A maçã sacrificial é uma arma como uma moça ou uma clava.

Quando nossas casas e comunidades ficavam próximas a etnias inimigas ou sob risco de ataque, guarnecíamos a *taba* com uma enorme cerca ao redor, chamada pelos nossos avós de *ka'aysará*. Essas cercas eram feitas de toras de árvores, ramos e galhos, protegendo a aldeia. Como observou Hans Staden, todas as aldeias “necessitam dela como proteção contra seus inimigos” (2023, p. 69). Se os inimigos atacassem, teriam dificuldade para adentrar e poderiam cair em covas cavadas do lado de fora, próximas às *ka'aysará*, todas cheias de pontas de madeira. Além disso, para intimidar nossos inimigos, nossos antepassados “À entrada della espetavam, em paus a pique, as caveiras dos inimigos” (Varnhagen, 1854, p. 33). Assim, todos que se deparassem com nossas *tabas* saberiam que não perdoaríamos ninguém.

Dentro de cada *oca*, penduradas nos esteios que sustentavam toda a estrutura, ficavam as redes em que dormíamos. Próximas a elas, mantínhamos pequenos fogos que iluminavam, aqueciam e nos ajudavam a afastar pequenos animais. Como observaram alguns cronistas ao entrar nas *ocas* dos *Tupi*, as famílias estavam organizadas: “Estão todas cheias de gente de uma parte e de outra, e cada um por si tem a sua instância, a sua rede armada, em que dorme, e assim estão uns junto dos outros por ordem, e pelo meio da casa fica um caminho aberto por onde todos se servem como dormitório ou coxia de galé. Em cada casa destas vivem todos muito conformes, sem haver nunca entre eles nenhuma diferença” (Gandavo, 2008, p. 135). A nossa sociedade antiga baseava-se na união familiar e na fraternidade, vivendo como irmãos. Ainda hoje, é possível encontrar comunidades onde as famílias vivem dessa forma.

As nossas *tabas*, ou cidades – chame-as como quiser –, ficavam sempre próximas a rios e nascentes. Quando não, construíamos-las perto de alagadiços e lagoas. Essa prática nos proporcionava acesso ao alimento mais precioso para nossa tradição: o camarão, cuja abundância nos deu a alcunha pela qual ainda hoje nos orgulhamos de ser chamados. A história comprova que sempre erguíamos nossas *tabas* junto às melhores águas, como a *Acajutibiró*, próxima à lagoa de mesmo nome; a *Maripitanga*, nas nascentes dos rios; as das *Copaoba*, na parte alta do rio *Mamanguape*; a do *Potengi*, próxima ao rio de mesmo nome; e

muitas outras. Nossa sociedade ocupava os melhores e mais ricos locais daquele período.

Quando abandonávamos antigas povoações, incendiávamo-las, denominando-as “*Tapera*”, que significa “o que foi aldeia”. Cada *taba* era repleta de guerreiros que habitavam com suas famílias e estavam sempre visitando uns aos outros ou realizando incursões de guerra pelos sertões, principalmente contra os *Tapuia* e os *Caeté*. Nossa organização e interligação eram tão marcantes que levaram um século para os portugueses conseguirem adentrar em nossas terras – e isso apenas após a morte do nosso grande pajé *Tijucupapo*. Em alguns casos, construímos várias *tabas* próximas umas das outras, como na região de *Copaoba*, que chegou a ter cinquenta aldeias vizinhas.

Taba: velha organização social dos povos originários antes do período das invasões europeias. Seria uma espécie de cidade, comunidade ou vila desenvolvida pelos povos que aqui habitavam.

Aldeamentos: estrutura criada pelos padres Jesuítas onde se aglomeravam vários indivíduos de diversas nações; sua estrutura era como as estruturas de uma vila, com ruas, hospitais, igreja e casas particulares. A forma de governo e religiosidade, incluindo as manifestações culturais, eram estabelecidas pelos padres e o meio de trabalho focava na autossustentação.

Vilas: forma de organização utilizada para civilizar, povoar e impor a cultura eurocêntrica aos indígenas. Foi estabelecido pelo Marquês de Pombal para modificar a então estrutura jesuítica de construção da sociedade de nativos. Nas vilas, os indígenas seriam trabalhadores e comporiam a recém-nascida sociedade brasileira; substituindo a sociedade natural por uma alheia, desta forma o aborígene estaria sujeito às leis da coroa portuguesa.



CLI

CIRCV
CLIMA

CLIMA

CLIMA

TRASHITS



BIBLIOGRAFIA

- ANÔNIMO. História da Conquista da Paraíba. Editora: Senado Federal, vol. 73. Brasília, 2006.
- CALADO, Frei Manuel. O Valeroso Lucideno e Triunfo da Liberdade. Part. I. Lisboa, 1648.
- CARDIM, Fernão. Tratados da terra e gente do Brasil. Introdução de Rodolfo Garcia. Belo Horizonte: ed. Livraria Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.
- D'ABBEVILLE, Claude. História da Missão dos Padres Capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas. Editora: Itatiaia, São Paulo, ed, da Universidade de São Paulo, 1975.
- D'EVREUX, Yves. Viagem ao norte do Brasil – Feita nos anos de 1613 a 1614. Traduzida por César Augusto Marques. São Paulo: Editora Siciliano, 2002.
- GANDAVO, Pedro de Magalhães. Tratado da Terra do Brasil. História da Província Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil. Ed. do Senado federal. Vol. 100. Brasília, 2008.
- MÉTRAUX, Alfred. A religião dos tupinambás e suas relações com a das demais tribos Tupi-guarani. Série 5. BRASILIANA Vol. 267. Biblioteca Pedagógica Brasileira. Companhia editora Nacional. São Paulo, 1950.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. Dicionário de Tupi Antigo – A língua indígena clássica do Brasil. ed. Global. São Paulo, 2015.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. “Transcrição e tradução integral anotada das cartas dos Índios Camarões, escritas em 1645 em Tupi Antigo”. In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, vol. 17, núm. 3, e20210034, 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3940/394074001004/html/> (acesso 07/01/2026)
- PIGAFETTA, Antônio. A primeira viagem ao redor do mundo. O diário da expedição de Fernão de Magalhães. Tradução de Jurandir Soares dos Santos. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- SALVADOR, Frei Vicente do. História do Brasil. ed. do Senado Federal. vol. 131. Brasília, 2010.
- SOUSA, Gabriel Soares de. Tratado descritivo do Brasil em 1587. Ed. da Universidade de São Paulo, Brasiliana, Vol. 117. 4o edição, 1987.
- STADEN, Hans. Duas viagens ao Brasil. Ed. L&PM, Porto Alegre, 2023.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. História geral do Brasil. Antes da sua separação independência de Portugal. Tomo II. Edição do Senado Federal; Vol. 305-B. Coleção dos 200 anos da Independência do Brasil. Brasília, 2023 [1854].
- SOUTHEY, Robert. História do Brazil, traduzida do inglez pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro e annotada pelo conego Dr. J.C. Fernandes Pinheiro. Brasília, Senado Federal, 2010.

Quando pedimos uma biografia de Ezequiel, ele nos enviou um texto um pouco maior do que o esperado, que achamos bonito compartilhar aqui.

No final do século XX, aos 30 de janeiro de 1997, na madrugada de uma quinta-feira, por volta das 4h45, nascia na maternidade Santa Rita de Cássia, no município de Rio Tinto (PB), Fernando Alves Iziquiel da Silva. Filho de Itapuana Alves Pinto e Severino Iziquiel da Silva, ambos pertencentes à etnia *Potiguara*. Cresceu imerso na realidade cultural e histórica de seu povo.

Residente na Aldeia Forte, desde a infância conviveu com os anciões da comunidade, absorvendo saberes, memórias e tradições transmitidas oralmente pelas gerações mais velhas – uma formação que antecede e ultrapassa qualquer currículo formal.

Na juventude, ao converter-se ao cristianismo católico, adotou o nome de Ezequiel Maria. Aos 16 anos, ingressou na ordem religiosa Combatentes na Fé, sediada na cidade de Candeias, no estado da Bahia. Nesse ambiente, recebeu formação em filosofia agostiniana, teologia, língua latina e história do Brasil. Foi justamente o contato direto com fontes primárias, proporcionado por esses estudos, que o levou a constatar a superficialidade e as distorções presentes na historiografia tradicional sobre o povo *Potiguara*.

Incentivado pelos religiosos, iniciou em 2018 uma pesquisa historiográfica sistemática sobre a nação *Potiguara*. Diante da escassez de obras contemporâneas e do tratamento reducionista dado pelos livros didáticos, decidiu, em 2022, iniciar a escrita de uma coletânea dedicada a narrar a história de seu povo a partir de uma perspectiva indígena. Desse esforço nasceu a *Coleção Potiguara – Memória de um Povo*, publicada pela Universidade Federal de Goiás (UFG) em 2025, composta por três volumes intitulados *Etno-história: a história segundo um Potiguara*.

Da mesma pesquisa emergiram outras obras que ampliaram o projeto inicial, consolidando a coletânea *Os Potiguara – O que não te contaram sobre nós*, composta por seis livros. O primeiro volume, homônimo

da coleção, foi lançado em 2024 pela Editora Epopeia e traduzido para o inglês pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em 2025. No mesmo ano, foi publicado o segundo volume, intitulado *Os Potiguara – A arte da guerra e sua organização social histórica*.

Para além do resgate historiográfico, Ezequiel Maria dedica-se à preservação do antigo idioma *Potiguara*, o *Tupi*, atuando como professor de língua materna nas aldeias do território. Seu trabalho articula pesquisa acadêmica, militância cultural e compromisso comunitário.

FOTO DE CAPA

Alice Faria

MAPA

“Terra Brasilis, segundo of Portugaliae Monumenta Cartografica”.

Fragmento de Atlas nautique du Monde, dit atlas Miller, elaborado em 1519. Cartógrafos Pedro Reinel, Jorge Reinel e Lopo Homem, e miniaturista Antonio de Holanda.

Arquivo gallica.bnf.fr, Bibliothèque nationale de France.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A direção editorial é de Anna Dantes, a coordenação é de Alice Faria. A diagramação é de Tania Grillo. Mais informações em selvagemciclo.org.br

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas. Saiba mais aqui: selvagemciclo.org.br/apoie

APOIO



PARCERIA



Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2026

